

ÁLVARO CARDOSO GOMES

A ESTÉTICA SIMBOLISTA

Textos Doutrinários Comentados

2ª Edição corrigida e aumentada

Direção: Massaud Moisés

Tradução

Eliane Fittipaldi Pereira (francês)

Carlos Alberto Vechi (inglês)

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. - 1994

CARTA A MALLARMÉ

A poesia se me afigura como uma explicação do Mundo delicada e bela, contida numa música singular e contínua. Enquanto a *arte metafísica* vê o Universo construído com idéias puras e absolutas e a pintura, com cores, a arte poética será aquela que o considerar vestido de sílabas,
5 organizado em frases.

Considerada em seu esplendor nu e mágico, a palavra se eleva à potência elemental de uma nota, de uma cor, de um fecho de abóbada. O verso manifesta-se como um acorde, permitindo a introdução dos dois modos, onde o epíteto misterioso e sagrado, espelho das sugestões
10 subterrâneas, é como um acompanhamento pronunciado em surdina.

Uma devoção toda particular a Edgar Poe me conduz então a dar, como reino, ao Poeta, a analogia. Tal reino torna precisos o eco misterioso das coisas e sua secreta harmonia, tão real, tão certa como uma relação matemática para os espíritos artísticos, ou seja, e como convém, idealis-
15 tas violentos...

Assim, impõe-se a concepção suprema de uma elevada sinfonia, unindo o mundo que nos rodeia ao mundo que nos obseda, construída conforme uma rigorosa arquitetura, prendendo tipos simplificados sobre o fundo de ouro e azul e liberando o poeta do pesado auxílio das
20 filosofias banais, das falsas ternuras, das descrições inanimadas...³⁶

Nesta carta dirigida ao mestre Mallarmé, em 1891, Valéry parte em busca da essência da poesia e, ao mesmo tempo, da correspondência entre as artes. De início, concebe a poesia como forma de conhecimento, ao vê-la como "explicação do mundo delicada e bela". Diferencia-a da "arte metafísica" e da pintura, porque ela se expressa através de "música singular e contínua". A singularidade dessa música advém do fato de ela ser composta de sílabas e

36. VALÉRY, Paul. In: MICHAUD, Guy. Op. cit. p. 758.

organizada em frases. Conseqüentemente, se a "arte metafísica" pensa o Universo através de "idéias puras e absolutas", manifestando total abstração e se a pintura o faz com as cores, constituindo por isso arte concreta por excelência,* a poesia representa-o através de um corpo concreto que remete a um dado abstrato. Contudo, o abstrato não se confunde com as idéias puras, porque somente se mantém no texto através de imagens, ou da carga musical montada pelas palavras.

Em decorrência disso, Valéry pretende que a palavra poética deva recuperar a pureza original, de modo que, em analogia, possa equivaler a uma nota musical, a uma cor, a um fecho de abóbada. A referência à música, à pintura e arquitetura, reduzidas aos elementos mínimos e essenciais, é justificada pelo fato de esta "palavra-coisa" ser capaz de, magicamente, possuir peso, volume e até mesmo certa opacidade, evocando, portanto, a sonoridade de uma nota musical ou a tonalidade de uma cor. Da arrumação desse tipo de palavra resulta o verso, "acordo" entre "dois modos": o sonoro propriamente dito e o evocador de algo oculto, a "explicação do Mundo", "o epíteto misterioso e sagrado, espelho das sugestões subterrâneas" (linhas 9 a 10). Este segundo modo é expresso através de terminologia específica, como "mágico", "misterioso e sagrado", remetendo, portanto, à concepção esotérica de poesia do Rimbaud de "Alquimia do verbo" (→ p. 58) e do Brunetière de "O princípio do simbolismo" (→ p. 85).

O esotérico, o sagrado, o místico, contudo, manifestam-se através da música, que é evocada devido à capacidade sugestiva. Por outro lado, é preciso considerar que ela interessa não como algo estridente, mas como algo em surdina, o que atesta o apelo de Valéry à miniloqüência, ou à "nuança", tão decantada por Verlaine em "Arte poética" (→ p. 62). Todavia, o poeta francês está pensando na relação poesia/música de uma perspectiva muito mais complexa. As palavras não visam somente imitar os sons das notas musicais, como em Verlaine, nem visam também evocar sentimentos, como em Baudelaire; muito mais que isso, o poema é imaginado como se fosse uma sinfonia, "unindo o mundo que nos rodeia ao mundo que nos obseda" (linhas 16 e 17).

Essa nova linguagem, também perseguida pelo Rimbaud de "Alquimia do verbo" (→ p. 58), sinfonia, "construída conforme uma rigorosa arquitetura", será o resultado de intenso trabalho com a palavra. Em conseqüência, evitando a eloqüência, a "palavra-instrumento", a emoção fácil e a descrição objetiva

das coisas, este poema-sinfonia acaba por liberar o "poeta do pesado auxílio das filosofias banais, das falsas ternuras, das descrições inanimadas" (linhas 19 e 20). Definindo os limites da poesia simbolista, através da busca da arte liberta do que é acessório, Valéry segue um caminho similar ao de Mallarmé, o da "poesia pura".

CONSULTAR: WILSON, Edmund. Paul Valéry. *O castelo de Axel*. São Paulo: Cultrix, 1967; WIMSATT, William K., BROOKS, Cleanth. *O simbolismo. Crítica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

